

Bancos estrangeiros vêm recolher dados sobre a economia brasileira

por Paulo Sotero
de Washington

Um grupo do Institute of International Finance (IFF), de Washington, desembarca nesta segunda-feira em Brasília para recolher as informações que lastrearão o primeiro relatório da instituição sobre o Brasil.

Considerado por alguns como o embrião de uma associação internacional de bancos, o IFF nasceu com a crise da dívida da América Latina, no final de 1982.

O objetivo do instituto, que ocupa meio andar de um prédio situado a dois quarteirões da sede do Fundo Monetário Internacional (FMI), é abastecer seus 187 bancos afiliados com um fluxo regular de informações detalhadas sobre os países devedores. Essas informações, ao contrário da crença generalizada, não são fornecidas pelo Fundo Monetário Internacional aos bancos privados internacionais.

Observando as regras do sigilo que caracteriza a atividade bancária, o IFF tem atuado também como um importante centro de estudo e debate, entre banqueiros, de soluções alternativas para o problema da dívida, como a capitalização de juros.

Nesse sentido, o instituto, cuja fama ainda não ultrapassou os limites do meio especializado, assumirá um perfil mais público no próximo dia 28, promovendo uma reunião dos presidentes dos 150 maiores bancos do mundo, a maioria deles seus afiliados.

O objetivo da reunião é discutir a proposta que os Estados Unidos apresentaram na última reunião anual do Fundo Monetário Internacional, em Seul, de aplicação do fluxo de recursos dos bancos privados e das instituições multilaterais de desenvolvimento, como o Banco Mundial e o BID, para os países endividados. Além de seus 187 afiliados, o IFF tem ainda um grupo de 9 associados, formado por corporações multinacionais e bancos de desenvolvimento.

RELATÓRIOS

Os relatórios do instituto — até hoje foram produzidos cinquenta deles — são para consumo exclusivo dos bancos afiliados e dos governos dos países visitados.

A equipe do IFF que visitará o Brasil será encabeçada pelo chefe de seu departamento da América Latina, o americano Harold Schuller, ex-alto funcionário do escritório do Comptroller of The Currency, o braço do Departamento do Tesouro encarregado de regulamentar as atividades dos bancos americanos.

A julgar pelas autoridades brasileiras, abriram-se as portas aos visitantes do IFF: Schuller e seus três acompanhantes — um outro funcionário do IFF e dois banqueiros de instituições afiliadas — serão muito bem recebidos em Brasília. Há razões, para isso, que ultrapassam a simples natureza das atividades do instituto.

Uma delas é Fernão Bracher, poucas pessoas conhecem o IFF tão bem quanto o atual presidente do Banco Central. Em sua posição anterior, de diretor internacional do Bradesco, um dos bancos brasileiros afiliados ao IFF (os outros são Itaú, Banco do Brasil,

BCN, Econômico, Nacional e Mercantil de São Paulo), Bracher foi um dos fundadores do instituto e acabou transformando-se num de seus mais ativos membros. "Ele era, sem dúvida, o principal representante dos países endividados nos nossos debates, e ganhou o respeito de todos, apesar de sempre ter defendido soluções não ortodoxas para o problema da dívida", diz uma fonte do IFF.

Além do respeito, Bracher ganhou também um assento na direção do instituto, que só abandonou ao assumir a presidência do Banco Central. Um dos admiradores de Bracher — do homem e de sua inteligência, mas não necessariamente de suas idéias — é o diretor do IFF, André de Lattre, ex-presidente do banco estatal francês Crédit National, ex-vice-governador do Banco da França, e ex-diretor do Tesouro francês (posição na qual foi chefe do atual diretor-gerente do FMI e outra vez vizinho Jacques de Larosière).

POLÍTICA

Ao lado das boas relações pessoais, a própria moldura do trabalho desenvolvido pelo IFF é atraiante para as autoridades econômicas brasileiras. Ao recolher os elementos para fazer um relatório, o IFF não olha apenas os fatores econômicos e financeiros no país, mas leva em consideração também a atmosfera política na qual esses fatores existem e tira conclusões a respeito — algo que o FMI, por sua própria natureza de organismo oficial multilateral, está impedido de fazer. O IFF faz recomendações de mudanças aos governos dos países que visita e, nisso, seu trabalho se assemelha com o do FMI. Mas não está necessariamente preso a nenhum manual ortodoxo e, por isso mesmo, tem mais flexibilidade para entender e assimilar argumentos como os que estão sendo usados pelo governo brasileiro para justificar suas propostas de renegociação da dívida.

INFLUÊNCIA

Embora sirvam apenas para a orientação dos bancos, os relatórios e informações produzidos pelo IFF têm tido uma marcada influência no debate sobre a questão da dívida. São frequentadores dos debates do instituto, por exemplo, alguns dos banqueiros que expressam dúvidas sobre a atual estratégia de negociação.

Além dos relatórios sobre países, o IFF mantém um atualizado banco de dados sobre a economia de 41 países, da Hungria à Indonésia, da Argentina a Portugal, passando por vários países africanos, que seus sócios podem ter acesso a qualquer momento via computador.

O instituto conta com uma invejável rede de fontes de informação, entre elas figuram, além dos próprios bancos afiliados, os organismos multilaterais, com os quais mantém boas relações.

O time que vai agora ao Brasil, para passar dez dias entre Brasília, Rio e São Paulo, deverá retornar ao País em novembro, depois da divulgação do programa econômico do governo, para completar a coleta das informações necessárias para a produção do relatório.